

O AUSTROMARXISMO E A QUESTÃO NACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DE OTTO BAUER E KARL RENNER

Isabella Duarte Pinto Meucci¹

Resumo

O presente artigo busca analisar as contribuições dos austromarxistas Otto Bauer e Karl Renner para o problema da questão nacional e do nacionalismo na teoria marxista. Para tanto, buscaremos inicialmente entender o surgimento do austromarxismo para que possamos verificar em que contexto os autores acima mencionados estão inseridos. Posteriormente, faremos um breve exame da questão nacional dentro do marxismo, a fim de entender a complexidade e a importância desse tema. Por fim, buscaremos em alguns apontamentos de Otto Bauer e Karl Renner, quais eram as principais análises e soluções que esses autores davam para o entendimento do nacionalismo em uma perspectiva marxista. Ainda que concordem em alguns aspectos, Renner e Bauer diferem em sua abordagem geral do problema nacional, e também se diferenciam em alguns âmbitos, nas soluções práticas propostas. Concluímos que ambos os autores contribuem para a análise e a solução da questão nacional para o marxismo, cada um à sua forma. Dessa maneira, ainda que suas considerações apresentem um caráter específico daquele momento, também possuem importantes elementos para o entendimento da questão nacional na abordagem marxista.

Palavras-chave: austromarxismo, questão nacional, nacionalismo, Otto Bauer, Karl Renner.

Resumen

Este trabajo analiza las contribuciones de austromarxistas Otto Bauer y Karl Renner al problema del nacionalismo y la cuestión nacional en la teoría marxista. Para ello, primero tratamos de entender el surgimiento austromarxismo para que podamos comprobar en qué contexto se insertan los autores antes mencionados. Más tarde, vamos a hacer un breve examen de la cuestión nacional dentro del marxismo con el fin de comprender la complejidad y la importancia de este tema. Por último, buscaremos en algunos señalamientos de Otto Bauer y Karl Renner, cuáles eran los principales análisis y soluciones que estos autores dan a la comprensión del nacionalismo en una perspectiva marxista. Aunque estén de acuerdo en algunos aspectos, Renner y Bauer difieren en su enfoque general del problema nacional, y también difieren en algunas áreas como las soluciones prácticas que proponen. Llegamos a la conclusión de que ambos autores contribuyeron al análisis y solución de la cuestión nacional para el marxismo, cada uno a su manera. Así, aunque sus declaraciones son de carácter específico para ese momento, también tienen elementos claves para una teoría general del nacionalismo en el enfoque marxista.

Palabras clave: austromarxismo; cuestión nacional; nacionalismo; Otto Bauer; Karl Renner.

Abstract

This paper analyzes the contributions of Austrian marxists Otto Bauer and Karl Renner to the problem of nationalism and of the national question in Marxist theory. First, we will seek to understand the emergence of Austro Marxism, so we can examine in which context the aforementioned authors are inserted. Afterwards, we will make a brief examination of the national question inside the Marxist theory, in order to perceive the complexity and importance of this issue. Finally, based on notes by Otto Bauer and Karl Renner, we will look for the main analyses and

¹ Mestranda em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

solutions that these authors give to the understanding of nationalism in a Marxist perspective. Even though they agree with each other in a few aspects, Renner and Bauer differ in their general approach to the national problem and also, in some points, in the practical solutions proposed. We conclude that both authors contributed to the analysis and the solutions of the national question for Marxism, each in their own way. Thus, although their considerations present a particular character of that moment, they also hold important elements for understanding the national question in the Marxist approach.

Keywords: Austro Marxism; national question; nationalism; Otto Bauer; Karl Renner.

1. INTRODUÇÃO

No final do século XIX, uma das primeiras escolas independentes de pensamento marxista se desenvolveu a partir do trabalho de um grupo de teóricos de Viena, sendo os mais destacados Max Adler, Otto Bauer, Rudolf Hilferding e Karl Renner. O termo “austromarxismo” foi aparentemente cunhado pelo socialista americano Louis Boudin, poucos anos antes da I Guerra Mundial para descrever esse grupo de jovens pensadores marxistas de Viena, também ativos no movimento socialista austríaco (BOTTOMORE, 1978).

Para Leser (1966), embora associado ao surgimento da República Austríaca, o austromarxismo foi realmente radicado e formado pelas condições vigentes no período anterior a 1914, nos tempos do Império Austro Húngaro. De fato, apenas sob a égide da última dinastia dos Habsburgo foi que seus expoentes mais fortes e eminentes apresentaram acordo com os princípios e a aplicação do marxismo. Mais tarde, quando confrontados com uma guerra mundial e, em seguida, sob a República, quando confrontados com as tensões e compromissos inevitáveis de tomadas de decisão, perderam sua antiga coesão e começaram a seguir caminhos distintos. Nas palavras do próprio Otto Bauer: “é verdade que a guerra e a revolução dissolveram a escola austromarxista. Com as controvérsias durante e depois da guerra, aqueles que pertenciam a essa escola estavam em diferentes e, às vezes, opostos campos do movimento socialista internacional” (BAUER, 1978, p.46, *tradução nossa*)².

Por meio de seus livros, jornais e atividades políticas, os austromarxistas tiveram uma influência considerável no socialismo europeu nas primeiras duas décadas do século XX, atuando como críticos do “revisionismo” na Social Democracia Alemã e expoentes de uma forma de marxismo que pretendia ser uma ciência rigorosa e não dogmática da

² “It is true that war and revolution dissolved the “Austro-Marxism” school. In the controversies during and after the war, those who had belonged to this school were in different and often opposed camps within the international socialist movement” (BAUER, 1978, p.46)

sociedade, mantendo seu caráter revolucionário. Mais tarde, com o crescimento do bolchevismo, os austromarxistas ocuparam uma posição, tanto intelectual quanto política, entre o crescente reformismo dos partidos social democratas e os recém-estabelecidos partidos comunistas. No entanto, no período pós-guerra, após a derrota e o desmembramento do Império Habsburgo, a influência do austromarxismo no movimento socialista europeu declinou, ainda que tenha permanecido forte na Áustria até 1934.

Os temas analisados pelo austromarxismo são amplos, principalmente porque seus expoentes eram de diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, podemos afirmar que esses autores buscavam, em geral, o desenvolvimento do marxismo como ciência social empírica por meio de análises sobre a economia, o direito, as mudanças na estrutura de classes e o nacionalismo. Esse último tema era especialmente importante para esses autores, que até 1918 viveram sob o Império Austro Húngaro, um vasto estado europeu que foi dissolvido em outros treze estados.

Para Bottomore (1978), o nacionalismo foi um dos mais importantes e difíceis problemas do Partido Social Democrata Austríaco, que deveria encarar a relação entre as diversas nacionalidades do Império Habsburgo e a emergência, no fim do século XIX, de movimentos nacionais mais vigorosos. O nacionalismo colocou um desafio para o movimento socialista em muitos aspectos: pelo seu efeito potencialmente divisório na classe trabalhadora; pela atração de muitas seções do campesinato das quais o Partido Social Democrata Austríaco precisava encontrar apoio para conseguir poder político; por sua influência em um número considerável de intelectuais e estudantes universitários; e, por sua associação com o imperialismo.

Esse artigo busca analisar as contribuições dos austromarxistas Otto Bauer e Karl Renner para o problema da questão nacional e do nacionalismo na teoria marxista. Para tanto, buscaremos inicialmente entender o surgimento do austromarxismo para que possamos verificar em que contexto os autores acima mencionados estão inseridos. Posteriormente, faremos um breve exame da questão nacional dentro do marxismo, a fim de entender a complexidade e a importância desse tema. Por fim, buscaremos em alguns apontamentos de Otto Bauer e Karl Renner, quais eram as principais análises e soluções que esses autores davam para o entendimento do nacionalismo em uma perspectiva marxista.

2. O AUSTROMARXISMO

Há uma série de fatores que confluem para o surgimento e a consolidação do austromarxismo no final do século XIX em Viena. As mudanças econômicas e políticas no Império Habsburgo, que foi transformado de um estado agrário em um estado industrial, e o florescimento da vida intelectual em Viena são dois importantes aspectos. Para Bauer (1978) essa nova modalidade de marxismo aconteceu como reação a novas doutrinas filosóficas (neokantianismo e positivismo), a desenvolvimentos na teoria econômica (marginalismo austríaco) e às questões levantadas pelo problema das nacionalidades no império multinacional dos Habsburgo:

Eles (os austromarxistas) tinham crescido em um período em que homens como Stammler, Windelband e Rickert estavam atacando o marxismo com argumentos filosóficos; por isso eles eram obrigados a se engajarem em controvérsias com os representantes de tendências filosóficas modernas. Enquanto Marx e Engels partiram de Hegel, e marxistas posteriores do materialismo, os mais recentes ‘Austromarxistas’ tinham como ponto de partida Kant e Mach. Do outro lado, na universidade, esses ‘Austromarxistas’ tinham que chegar em um acordo com a chamada escola austríaca de economia política e essa controvérsia também influenciou o método e a estrutura de seu pensamento. Finalmente, vivendo na antiga Áustria tomada por lutas nacionais, todos eles tinham que saber como aplicar a concepção histórica do marxismo a um fenômeno muito complicado que desafiava análises de qualquer aplicação superficial ou esquemática do método Marxista. Assim, desenvolveu-se dentro do Marxismo uma estreita comunidade intelectual que tem sido chamada ‘Austromarxismo’. (BAUER, 1978, p.45-46, *tradução nossa*)³

O austromarxismo cresceu no movimento estudantil socialista na Universidade de Viena e seus líderes estiveram engajados, de diferentes formas, na prática política do Partido Social Democrata Austríaco. A primeira manifestação pública dessa nova escola de pensamento foi em 1904, com a criação dos *Marx-Studien*, uma coletânea de monografias organizada por Adler e Hilferding e publicada irregularmente até 1923. A partir de 1907 surge um periódico teórico chamado *Der Kampf*, que logo rivalizou com o *Die Neue Zeit*, de Kautsky como a principal revista marxista européia.

³ “They had all grown up in a period when men such as Stammler, Windelband, and Rickert were attacking marxism with philosophical arguments; hence they were obliged to engage in controversy with the representatives of modern philosophical trends. Whereas Marx and Engels began from Hegel, and the later Marxists from materialism, the more recente ‘Austro-Marxists’ had as their point of departure Kant and Mach. On the other side, in the universities these ‘Austro-Marxists’ had to come to terms with the so-called Austrian school of political economy, and this controversy too influenced the method and structure of their thought. Finally, living in the old Austria rente by national struggles, they all had to learn to apply the Marxist conception of history to very complicated phenomena which defied analysis by any superficial or schematic application of the Marxist method. Thus there developed within Marxism a narrower intellectual community which has been called Austro-Marxism.” (BAUER, 1978, p.45-46)

Leser (1966) e Bottomore (1978) concordam que o período mais importante para o austromarxismo, o que seria considerado a “idade de ouro”, foi aquele compreendido entre o final do século XIX até 1914, quando foram publicados os textos mais importantes desses pensadores, e quando a obra da escola teria exercido maior influência no movimento socialista europeu. Na Áustria, a escola austromarxista teve uma existência ativa por um terço de século, desde a fundação da *Marx-Studien* até a supressão do Partido Social Democrata Austríaco e a dispersão de seus líderes em 1934. Ainda que seu período de maior influência tenha sido pequeno, é importante destacar que isso se deve menos ao teor de suas análises para o marxismo e mais por consequência de eventos históricos. Bottomore ressalta em sua Introdução do livro “Austro Marxism”:

Esse eclipse parcial do austromarxismo nos anos 1920 e 1930 e quase total nos anos seguintes não significa que ele deva ser considerado como uma tendência efêmera e insignificante no pensamento marxista. Ao contrário, penso que se pode argumentar que esse é um dos mais completos, consistentes e inteligentes esforços já feitos para o desenvolvimento do marxismo como uma ciência social empírica, e que o esquecimento que ele sofreu é menos consequência de um julgamento intelectual considerável do que o produto de uma sucessão de eventos históricos desfavoráveis. (BOTTOMORE, 1978, p.7, *tradução nossa*)⁴

Com a Revolução Russa em 1917 e a I Guerra Mundial, o austromarxismo enfrentou um primeiro momento de declínio. De acordo com Marramao (1985), o ano de 1917 apresentou-se como um divisor de águas que colocou essa escola em evidência de forma muito particular, visto que ela adquiriu um conteúdo político no momento em que desintegrou-se como grupo intelectual homogêneo para enfrentar diretamente o problema da direção do partido e da relação com o Estado. Dessa forma, houve o declínio da influência do austromarxismo devido à versão leninista e depois à versão stalinista do marxismo. No entanto, seus pensadores seguiram na busca por uma análise que estaria “entre o reformismo e o bolchevismo”, por um marxismo não-dogmático, aberto à revisão e ao desenvolvimento, respondendo a novas críticas e a novas concepções históricas (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996). Embora tenha ocorrido o declínio de sua influência em nível internacional, em Viena esses autores seguiram fornecendo ideias para

⁴ “This partial eclipse of Austro-Marxism in the 1920s and 1930s, and its almost total eclipse later on, does not mean that it can be regarded as a purely ephemeral and negligible tendency in Marxist thought. On the contrary, I think it can be argued that this was one of the most thorough, consistent, and intelligent attempts yet made to develop Marxism as an empirical social Science, and that the neglect it has suffered is less the consequence of a considered intellectual judgement than the product of a collocation of unfavourable historical events.” (BOTTOMORE, 1978, p.7)

uma política ambiciosa e eficaz de reforma social. Essas ideias só perderam força quando ocorreu a ascensão do fascismo na Áustria e o país foi incorporado ao Terceiro Reich.

Os austromarxistas contribuíram de forma notável para o desenvolvimento da ciência social marxista, e suas análises das mudanças do capitalismo do século XIX, assim como seus estudos sobre o marxismo como método de investigação social, conservam muito de seu valor ainda hoje (BOTTOMORE, 1978). Para Leser (1966), esse marxismo específico e as manifestações de seus autores estão mortos, mas seus objetivos fundamentais são atemporais e continuarão a exercer influência formativa.

Deve-se notar que o austromarxismo foi o produto de uma distinta “escola” de pensamento. Nesse sentido, queremos dizer que esse pensamento é fruto de análises diversas que compreendiam diferentes ramos do conhecimento, mas que tinham como preocupação fundamental o desenvolvimento do marxismo como uma ciência social empírica. As preocupações filosóficas do austromarxismo foram elaboradas principalmente nos escritos de Max Adler centrados nos problemas da teoria do conhecimento e na filosofia da ciência (*Kant und der Marxismus*, 1925). Para esse autor, o marxismo deveria ser concebido como um sistema de conhecimento sociológico, a ciência das leis da vida social e de seu desenvolvimento causal. Essa concepção do marxismo como sistema sociológico é que vai fornecer o quadro de ideias que direciona todo o pensamento da escola (BOTTOMORE, 1978). Nesse campo destaca-se o trabalho de Hilferding (*O Capital Financeiro*, 1910), que em sua crítica da teoria econômica marginalista contrapõe à individualista “escola psicológica de economia política” a “teoria marxista do valor”, baseada em uma composição de sociedade e relações sociais que pretendia revelar o determinismo social dos fenômenos econômicos (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

Outra importante análise feita pelo austromarxismo é a contribuição de Karl Renner para uma pioneira sociologia marxista do direito. Ao estudar as funções sociais do direito (*The Institutions of Private Law and Their Social Functions*, 1929), Renner conclui que as normas jurídicas existentes mudam suas funções reagindo a mudanças na sociedade e, mais particularmente, a transformações em sua estrutura econômica. O autor atribui um papel ativo ao direito na manutenção ou modificação das relações sociais, nunca o entendendo apenas como uma ideologia que reflete condições econômicas. Max Adler também fez importantes contribuições para uma sociologia do direito quando analisou as diferenças entre uma teoria formal e uma teoria sociológica do direito (*Die Staatsauffassung des Marxismus*, 1922).

Foram também os austromarxistas aqueles que primeiro examinaram o envolvimento crescente do “estado intervencionista” na economia. Quando Renner analisa os efeitos do desenvolvimento capitalista do pré-guerra observa a penetração da economia privada pelo Estado, compreendendo que o poder do Estado e a economia começavam a se fundir. Essa seria a época do imperialismo (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996). Hilferding, em “O Capital Financeiro”, também desenvolve uma teoria do “capitalismo organizado”, na qual a ação do Estado começa a assumir o caráter de uma estruturação consciente e racional da sociedade como um todo.

Esses autores também estiveram preocupados com as mudanças na estrutura de classes e suas conseqüências políticas. Adler, ao escrever no contexto da derrota e destruição do movimento operário na Alemanha, analisa as mudanças na composição da classe operária na sociedade capitalista (*Wandlung der Arbeiter-klasse?*, 1933). Bauer também fez uma contribuição para o tema ao entender comparativamente a situação dos operários e camponeses nas revoluções russa e alemã, e em sua análise da revolução austríaca (*The Austrian Revolution*, 1923).

Diante de todos esses temas tratados pelos austromarxistas está também a análise da questão nacional e do nacionalismo, que confere importante significado a esses autores. Como mencionado anteriormente, esse estudo era de fundamental importância para esses, visto que estavam inseridos no Império Austro Húngaro, no qual as teses sobre o nacionalismo eram importantes para a continuidade do movimento socialista e para a garantia de poder político ao Partido Social Democrata Austríaco. A resposta à questão nacional era um desafio não somente para os austromarxistas, mas também para a teoria marxista em geral.

3. O MARXISMO E A QUESTÃO NACIONAL

Para o sociólogo Michel Löwy, o marxismo possui no internacionalismo a pedra angular de sua visão de mundo e de sua estratégia revolucionária (LÖWY, 2000). Por esse motivo, as questões nacionalistas, tratadas por Marx e Engels, recebem menor ênfase e são, até mesmo, confundidas com questões burguesas, de pouca significação para a emancipação do conjunto da humanidade. No entanto, é importante destacar o quanto as oscilações do pensamento marxista em relação à questão nacional devem ser percebidas em seus contextos teóricos e históricos para que possam ser compreendidas em sua plenitude. Não se pode falar de uma teoria definida, uma doutrina marxista sobre a questão nacional,

mas apenas referenciar as posições expressas, nesta ou naquela etapa, em cima de fatos concretos da luta de classes (TOLEDO, 2001).

Segundo Löwy (2000), tornou-se comum dizer que o marxismo ignorou a questão nacional ou que os movimentos nacionais são inexplicáveis a partir de uma perspectiva marxista. No entanto, o sociólogo atenta para o fato de que se podem encontrar escritos muito ricos sobre o tema na literatura marxista, o que não exclui as lacunas e as contradições, ou mesmo os erros e os julgamentos intempestivos. Marx e Engels nunca publicaram uma obra específica sobre a questão nacional, que expressasse de forma direta e explícita a opinião dos autores, mas não deixaram de discorrer sobre o tema em casos particulares, como da Irlanda e da Índia. Para Löwy:

O próprio Marx nunca produziu uma teoria sistemática sobre a questão nacional, nem uma definição precisa do conceito de nação, nem mesmo uma estratégia política geral para o movimento operário nesse campo. Seus escritos a esse respeito consistem, na sua maioria, em posições concretas tomadas diante de casos específicos. (LÖWY, 2000, p.49-50)

Dessa forma, Marx e Engels jamais se afastaram do internacionalismo operário, mas nunca foram tão rígidos a ponto de ignorar as especificidades e a importância de lutas nacionais. Uma compreensão exata dessa questão implica o reconhecimento de diferenças importantes nos níveis de abstração conceitual e teórico. Nesse sentido, para o enquadramento da questão nacional no conjunto da obra de Marx, deve-se buscar estabelecer o quadro conceitual mais amplo, decorrente da crítica da economia política no qual a questão nacional tem que ser inserida (PAULA, 2008).

O processo histórico faz com que Marx e Engels ampliem suas reflexões, sem que suas premissas básicas sejam modificadas: os sujeitos da história são as classes sociais; a luta de classes é a força motriz desses sujeitos; o ator histórico privilegiado é a classe operária. Apesar de verem o problema nacional como uma questão secundária frente aos grandes temas da época, Marx e Engels não negligenciam a realidade das nações, nem seu alcance histórico.

Segundo Bensaid (1999), Marx não quer saber de verificar a coerência de uma história universal, antes de desembaralhar tendências e temporalidades que se contrariam sem se abolirem. A notável frase do *Manifesto Comunista*: “os proletários não têm pátria”, deve ser interpretada no sentido de que os proletários de todas as nações têm o mesmo interesse. Nesse contexto, a nação é apenas o quadro político imediato da luta proletária pela tomada do poder (LÖWY, 2000).

Para Leser (1966), o marxismo, para ter sua reputação como uma interpretação válida dos fenômenos sociais, teve que fornecer respostas para os problemas urgentes da sociedade em que operava. No caso da Áustria pré-1914 isso significava, entre outras coisas, sugerir soluções para os problemas criados por um Estado multinacional autocraticamente governado. É nesse contexto que a compreensão de questões nacionais feita pelos austromarxistas está inserida. Assim como as particularidades dessa questão na Rússia, na Polônia, na Irlanda e na Índia, feitas por Marx e Engels, a especificidade do Império Austro Húngaro e as análises dos autores austromarxistas são de fundamental importância para esse tema.

4. A ESPECIFICIDADE DO NACIONALISMO PARA O AUSTROMARXISMO

A questão nacional se mostrou como um tema complexo e pouco abordado pelo marxismo, tendo em vista sua importância. No entanto, Bauer destaca que apreender a origem da nação era algo fundamental para o método histórico de Marx:

A origem da nação e a particularidade de cada uma delas são determinadas pela modalidade de trabalho do povo, pelos meios de produção que ele usa, pelas forças produtivas que domina e pelas relações que estabelece no processo produtivo. Aprender a origem da nação e de cada nação, isoladamente considerada, como parte da luta da humanidade com a natureza, eis o grande problema que o método histórico de Karl Marx nos facultou resolver. (BAUER, 2000, p.62)

Dessa forma, compreender a relação entre o nacionalismo e o internacionalismo, bem como as particularidades do Império Austro Húngaro, tornou-se um desafio também para o austromarxismo. Os socialistas austríacos, como todos os outros, estavam principalmente preocupados com a emancipação da classe trabalhadora, mas o trabalho político de seu dia-a-dia os obrigou a reconhecer a enorme importância da questão da nacionalidade no contexto do Império Habsburgo. Para a maior parte da população estas questões foram pelo menos uma preocupação imediata real e igual às táticas da luta de classes. Além disso, sendo o único partido supranacional, os social-democratas foram a organização política preparada para pensar soluções para um problema que ameaçava o estado como um todo (LESER, 1966).

De acordo com Löwy (1997), a primeira grande obra marxista sobre a questão nacional é o livro de Otto Bauer, *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*⁵ (1907):

Ao definir a nação como produto inacabado de um processo histórico constantemente em andamento, o pensador austromarxista

⁵ *A questão das nacionalidades e a social-democracia.*

deu uma importante contribuição ao combate à fetichização do fato nacional e aos mitos reacionários da “nação eterna”, pretensamente enraizada no “sangue e no solo”. Seu programa de autonomia nacional cultural era uma proposta rica e construtiva, mas ficava num impasse frente a uma questão política capital: o direito democrático de cada nação se separar e constituir um Estado independente (LÖWY, 1997, s.n.)

A obra de Bauer colocava uma série de questões a respeito das nacionalidades e de sua autonomia que, além de originais e pioneiras, marcavam profundamente o debate interno do pensamento marxista em relação a essa problemática tão delicada e importante que se desenvolvia em sociedades tão complexas e diferenciadas como aquelas dos grandes impérios multinacionais da época, especialmente o austro-húngaro e o russo.

A importância de Bauer para o pensamento marxista é que ele não considera que as reivindicações nacionais sejam secundárias. Para ele, uma vez que se estabeleça o comunismo, os problemas nacionais não desapareceriam, mas se acentuariam devido ao acesso de todos à cultura:

A autonomia da comunidade cultural nacional no socialismo significa, apesar da igualação dos conteúdos culturais materiais, uma crescente diferenciação das culturas mentais das nações. Socialismo significa a integração do povo inteiro numa comunidade cultural nacional, o alcance da plena autodeterminação pela nação, a crescente diferenciação mental das nações. (BAUER, 2000, p.56)

O conceito de nação é entendido pelo autor como “uma comunhão de caráter que brota de uma comunhão de destino, e não de uma mera semelhança de destino” (BAUER, 2000, p.58), completado em outro escrito como “a totalidade de homens unidos por um destino comum em uma comunidade de caráter. Por um destino comum: essa característica distingue a nação dos agrupamentos de caráter internacional, como uma ocupação, uma classe, ou membros de um estado que possuem uma similaridade, mas não uma comunidade, de destino.” (BAUER, 1978, p.107, *tradução nossa*)⁶. A comunhão de destino é entendida assim, não como a semelhança de destino, mas como a experiência e o sofrimento comuns do destino. O autor entende “comunhão” como a “interação mútua geral”, termo emprestado de Kant. Dessa maneira, somente esse destino, vivenciado numa interação mútua geral, em constante ligação de uns com os outros, produz a nação.

⁶ “The nation is teh totality of men bound together throught a commom destiny into a community of character. Throught a commom destiny: this characteristic distinguishes the nation from the international character groupings, such as an occupation a class, or the members of a state whcih rest upon a similarity, not a community, of destiny.” (BAUER, 1978, p.107)

Para Bauer (2000), a questão da nação só pode ser elaborada a partir do conceito de caráter nacional, definido pelo autor como complexo de características físicas e mentais que distinguem uma nação da outra. Os membros de uma nação estariam ligados por uma comunhão de caráter em um período específico. Dessa forma, o caráter nacional não é a explicação do modo de comportamento de nenhum indivíduo, mas apenas o conhecimento da relativa semelhança de comportamento dos compatriotas num período de tempo definido.

O autor austromarxista também destaca a relação entre o capitalismo moderno e a nação. Segundo Bauer (2000), o capitalismo moderno reproduziu pela primeira vez uma cultura realmente nacional, que ultrapassou os limites da aldeia. Isso foi possível pelo desenraizamento da população, o rompimento dos laços locais e a redistribuição por lugar e ocupação no processo de formação das modernas classes e profissões. O capitalismo logrou fazer isso através da democracia, da educação popular, do serviço militar e do sufrágio universal.

É a realidade da exploração no capitalismo moderno que restringe a evolução da nação na direção de uma comunidade cultural, pois ela cria obstáculos ao envolvimento do trabalhador nessa comunidade. O capitalismo não pode deixar a nação emergir como comunidade cultural de forma plena, pois todo fragmento de cultura mental se transforma num poder nas mãos da classe trabalhadora. Nesse sentido, o que mantém a nação unida não é mais a unidade de sangue e da cultura entre as massas, mas sim a unidade cultural das classes dominantes, que vivem do trabalho dessas massas. Por isso Bauer afirma que “as grandes massas são deixadas para trás no que concerne à nação” (BAUER, 2000, p.61)

Dessa maneira, as grandes massas que conformam a classe trabalhadora ainda não são uma classe da nação, e também não são uma classe nacional. Ao analisar a classe trabalhadora e sua relação com a nação, Bauer destaca:

Não há classe que, em seu íntimo, seja mais completamente livre da valorização nacional que o proletariado, que foi libertado de toda tradição pelo poder destrutivo do capitalismo, foi excluído da fruição dos bens culturais nacionais, e que se ergue em luta contra poderes historicamente transmitidos. (BAUER, 2000, p.72)

O proletariado estaria assim excluído dos valores culturais, que seriam vistos como uma propriedade alheia. Onde as classes dominantes veem uma história brilhante da cultura nacional, o proletariado vê sua miséria e servidão. Por isso a valorização nacional é cada vez mais a valorização das classes dominantes. Nesse sentido, o ideal da classe trabalhadora seria a derrubada de toda a sociedade anterior, pois somente assim ela poderia se

transformar em parte na nação. É somente na luta de classes que o proletariado pode se transformar em membro da nação.

De acordo com Bauer, a comunidade cultural nacional só passaria a existir pela primeira vez em sua plenitude quando as grandes massas colocassem as mãos nessa abundância que é a nação. Por isso a concepção materialista da história deve compreender a nação como “um produto jamais concluído de um processo em constante andamento, cuja grande força motriz é as condições da luta humana com a natureza, as transformações das forças produtivas humanas e as mudanças nas relações humanas” (BAUER, 2000, p.63).

Nesse sentido, as condições de transformação da nação no capitalismo moderno estão sempre associadas aos interesses das classes dominantes. O socialismo daria à nação, pela primeira vez, uma autonomia completa, uma autêntica autodeterminação. Essa nação do futuro poderia formar a si mesma e moldar seu próprio destino, determinando conscientemente as transformações de seu caráter.

Para Bottomore (1978), Bauer buscou fornecer uma análise teórica e histórica do problema nacional dentro do quadro da sociologia marxista, que o levou a uma concepção da nação como fenômeno histórico e a reflexões sobre o lugar de comunidades nacionais em uma ordem socialista mundial.

Diferentemente de Otto Bauer, Karl Renner focou sua análise sobre a questão nacional nos aspectos legais e constitucionais. Renner, pelo fato de ser funcionário do Estado, se viu privado do direito de militar abertamente sobre a questão nacional e foi obrigado a assinar com pseudônimos as obras que publicou antes de 1907. O autor utiliza os pseudônimos de Synopticus para a obra publicada em 1899, *Estado e Nação*, Rudolph Springer para sua obra *A luta das nacionalidades austríacas pelo Estado* (1902), em que expõe mais amplamente suas teorias sobre uma solução da questão nacional apresentadas no livro de 1899, e Josef Karner para *A função social do direito* (1904), que integra o primeiro volume da coleção dos *Marx-Studien*. O interesse de Renner pela questão nacional surgiu, como ele conta em sua autobiografia (*An der Wende zweier Zeiten*, 1946), de sua experiência jovem no serviço militar multinacional.

Dois temas predominavam no trabalho de Renner: primeiro, a necessidade de uma regulamentação constitucional e legal adequada da posição das várias nacionalidades no Império Austro-Húngaro, que poderia colocar um fim nas lutas políticas por poder incorporadas nos movimentos nacionalistas; e segundo, a ideia do Império transformado

em um “estado de nações” que poderia eventualmente fornecer um modelo para a organização socialista do mundo como um todo.

Ao definir a nação, Renner se aproxima do conceito de Bauer e até mesmo cita o autor de sua mesma escola ao analisar a valorização do nacionalismo pelas classes conservadoras:

Muito antes de nação emergir como um fator político ela existia inconscientemente como caráter nacional, semi-conscientemente como sentimento nacional e, finalmente, como consciência nacional clara. Essa alta valorização da nação sempre foi feita por todas as classes conservadoras. Não há classe mais intrinsecamente emancipada de todos os valores nacionais do que o proletariado, que foi totalmente liberado da tradição pelo perturbador e destrutivo poder do capitalismo, e excluído da fruição da cultura nacional; e que emerge em luta contra todos os poderes tradicionais dados historicamente. (RENNER, 1978, p.120)

Para Leser (1966) a opção adotada por Renner em toda a sua obra sobre a questão das nacionalidades defende a ideia de que, mesmo numa república socialista, no caso da derrubada do Império, o novo poder popular deveria manter a situação que existia no sistema imperial dos Habsburgo, ou seja, uma confederação de Estados que, sob o controle do Estado nacional austríaco, regulamentasse as diversidades nacionais e culturais das distintas nações. O autor propõe dividir o império da Áustria num certo número de províncias, correspondendo da melhor maneira possível aos limites étnicos, e onde o elemento nacional dominante tenha hegemonia sobre os outros grupos no tocante às questões linguísticas.

Renner atribui ao Estado uma função reguladora. Assim, a democratização deve se traduzir na legislação, seu projeto de solução dos conflitos nacionais supõe a preservação do Estado existente, mas transformado, estruturado de forma supranacional. O Estado teria então diversos estratos administrativos autônomos: unidades culturais autônomas (municípios, distritos, nações), unidades geográfico-econômicas e, finalmente, poder central do Estado.

Ainda que concordem em alguns aspectos, Renner e Bauer diferem em sua abordagem geral do problema nacional, e também se diferenciam em alguns âmbitos, nas soluções práticas que propõem. O objetivo de Renner era preservar o caráter multinacional do Império, como algo valioso em si mesmo, em um estado federal democrático. Bauer enfatizava muito mais fortemente a subordinação da questão nacional aos interesses da classe trabalhadora (BOTTOMORE, 1978). Podemos concluir que Otto Bauer e Karl Renner contribuem para uma compreensão da questão nacional para o marxismo, cada um

à sua forma. Ambos os autores são influenciados por sua escola e estão inseridos em um contexto específico, o do Império Austro-Húngaro. No entanto, ainda que suas considerações apresentem um caráter específico daquele momento, também possuem importantes elementos que transcendem seu tempo e contribuem para o entendimento da nação na abordagem marxista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, O. 1978. *What is Austro-Marxism?* In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

_____. 1978. Political and Social Revolution. In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

_____. 1978. Two Revolutions In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

_____. 2000 Nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto.

BAUER, O.; ARICÓ, J. 1979 (Coaut.). *La cuestión de las nacionalidades y la social democracia*. México: Siglo Veintiuno.

BENSAID, D. 1999. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOTTOMORE, T. 1978. Introdução. In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

LESER, N. 1966. Austro-Marxism: A Reappraisal. *Journal of Contemporary History*, v.1, n.2.

_____. 1984. Hans Kelsen y Karl Renner. In: *Teoría Pura del Derecho y Teoría Marxista del Derecho*. Bogotá: Instituto Hans Kelsen / Editorial Temis Librería..

LÖWY, M. 1997. O sonho naufragado: a Revolução de Outubro e a Questão Nacional. *Critique communiste*, n. 150.

_____. *Nacionalismos e internacionalismos: da época de Marx até nossos dias*. São Paulo: Xamã, 2000.

MARRAMAO, G. 1985. *Entre o bolchevismo e social-democracia: Otto Bauer e a cultura política do auto marxismo*. In: HOBBSAWM, Eric. *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

_____. 1990. *O político e as transformações: crítica do capitalismo e ideologias da crise entre os anos vinte e trinta*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. B. (ed.). 1996. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PAULA, J. A. de. 2008. *A idéia de nação no século XIX e o marxismo*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p.219-235.

RENNER, K. 1978. *Democracy and the Council System*. In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, P. (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon..

_____. 1978. *The Service Class*. In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

_____. 1978. *The Development of the Law*. In: BOTTOMORE, T.B; GOODE, Patrick (Coaut.). *Austro-Marxism*. Oxford: Claredon.

TOLEDO, C. *Os marxistas e a questão nacional*. *Marxismo Vivo*, São Paulo, v.2, Jan.2001.